

DISCURSO E IDEOLOGIA: ANÁLISE DE MATERIALIDADES SOBRE O FILME “PROMISING YOUNG WOMAN”

Derick Rafael Santos Cavalcante (Mestrando/Universidade Federal de Sergipe)

Resumo: Decorrente de um trabalho realizado no curso de mestrado na disciplina Tópico Temático VI em Estudos Linguísticos, esta reflexão teve a finalidade de analisar criticamente os discursos de duas materialidades com o objetivo de evidenciar quais as possíveis ideologias e intenções existentes na composição dos textos trabalhados. Dessa forma, a presente investigação foi embasada nas pesquisas de Van Dijk (2008) acerca dos Estudos Críticos do Discurso; além dos trabalhos sobre a Análise do Discurso Crítico de Wodak (2004) e Pedrosa (2005). Para alcançar os resultados, foi operada uma metodologia de estudo baseada nestas pesquisas bibliográficas dos estudos críticos; sendo selecionados dois comentários publicados na plataforma *Facebook* sobre o filme *Promising Young Woman* (2020), da cineasta Emerald Fennell, que discute temas como “cultura do estupro” e “vingança”. Para isso, foi realizada uma análise crítica em ambas as materialidades, sendo o primeiro comentário postado por um homem e outro por uma mulher. A análise procurou não apenas interpretar ou investigar os sentidos que precedem o cunho linguístico dos comentários, mas compreender como a identidade do enunciador (nesse caso, homem e mulher) pode estar relacionada com a ideologia quando estes indivíduos são apresentados a produções que debatem temas semelhantes aos supracitados. Como resultado das análises, apontamos que houve hipocrisia e contradição em uma determinada materialidade, que não apenas teve a intenção de desmerecer a obra apresentada, mas, também, perpetuar ideias sexistas que caminham ao lado da cultura do estupro, dado que o enunciador do comentário era dono de um *site* em que homens se vingavam de suas ex-namoradas publicando fotos delas nuas. Com isso, os estudos críticos auxiliaram a investigar além da escrita, compreender que um simples comentário em uma rede social pode ser interpelado por ideologias extremas que sustentam noções de abuso de poder.

Palavras-chave: estudos críticos do discurso, identidade, ideologia

Introdução

Uma das formas de caracterizar uma sociedade é identificar quais relações de poder são inerentes ao seu sistema. Nesse sentido, é preciso destacar que, de acordo com Van Dijk (2008) e suas pesquisas sobre os Estudos Críticos do Discurso (ECD), as relações de abuso de poder são mais pertinentes para serem enfrentadas pelos estudiosos desta vertente, já que são estas que dão margem aos problemas como a desigualdade e injustiça social. Resumindo, uma relação de poder é vista como a de um chefe e uma funcionária, enquanto a relação de abuso de poder ocorre quando o determinado chefe apropria-se dessa função para subjugar a funcionária.

Partindo deste pressuposto, Van Dijk (2008) ressalta que as pesquisas da ECD têm o objetivo de contribuir com transformações sociais. Sendo assim, estudiosos da área procuram alcançar, com o intuito de questionar, criticar e problematizar, majoritariamente os discursos que privilegiam os grupos dominantes, para assim propor uma mudança que afete de forma positiva o grupo dominado.

A decisão de favorecer aos grupos dominados, não só parte da ECD, a Análise Crítica do Discurso (ACD) também já se preocupava com as injustiças sociais, e segundo Wodak (2004, p. 3), “a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressada, sinalizada, constituída, legitimada [...] através do uso da linguagem”. Esta análise pode ser executada em relação a uma fala, a uma escrita, uma propriedade multimodal, novela, série, filme e até mesmo em uma materialidade virtual.

Sendo assim, o trabalho em foco tem a finalidade de analisar criticamente os discursos de duas materialidades, nesse caso foram colhidos dois comentários sobre o filme *Promising Young Woman* ou *Bela Vingança* (2020) da cineasta Emerald Fennell. Na obra, a audiência é apresentada à Cassandra, uma mulher que após vivenciar uma experiência traumática, utiliza de métodos exclusivos para se vingar dos homens, mais exclusivamente, de potenciais estupradores.

Percorrendo um caminho mais cru, real e crítico na zona em que ele se propõe desbravar, a análise crítica realizada a seguir irá propor um questionamento das motivações que levam o público masculino e feminino a divergirem em suas considerações finais em relação a obra, sendo que o primeiro grupo tende a desgostar, ao passo que o público feminino toma posicionamentos diferentes.

Será abordado também a noção do corpo e como este pode ser interpelado pelas noções de controle, poder e ideologias, que segundo Neckel (2019, p. 9): “O corpo-arte é por natureza um corpo citação”; ou seja, podemos inferir que esta materialidade faz parte de uma manifestação discursiva, já que o mesmo também possui questões sociais e ideológicas imbricadas em sua própria constituição.

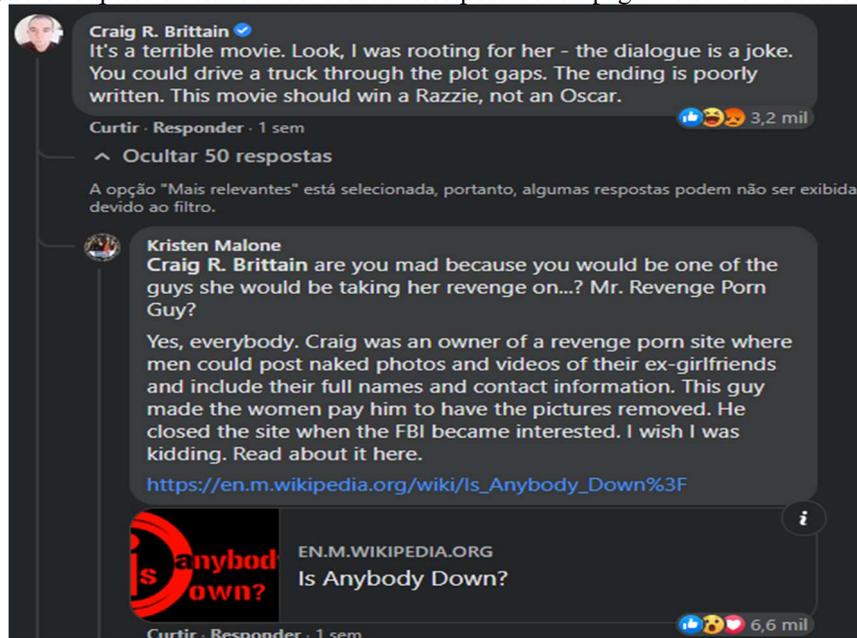
Análise das materialidades: sr. jovem vingança pornô, você não achou que este era o fim, achou?

Antes de analisarmos as materialidades, é preciso descrever o que acontece no longa-metragem. Cassandra, ou Cassie, utiliza de um *modus operandi* para vingar-se de alguns

homens que podem ser estupradores ou assediadores em potencial. Esta decisão surgiu após o suicídio de sua melhor amiga que sofreu um estupro na época da universidade. Depois do acontecido, a protagonista cria uma metodologia exclusiva em que ela visita algumas festas, faz-se de bêbada, espera algum jovem homem promissor levá-la para casa, e assim que percebe que o mesmo tentará tirar proveito da situação, não o mata, não o tortura, apenas mostra-se sóbria.

O filme, então, leva Cassie a enfrentar os culpados do crime que a fez partir nessa *vingança*, e com um encerramento real e crítico, ela morre nas mãos do mesmo homem que (in)diretamente provocou o suicídio de sua melhor amiga, porém, prevendo que algo assim poderia acontecer, ela usa sua morte como última tentativa de fazer justiça. Com isso, partiremos para a análise da primeira materialidade.

Figura 1: Captura de tela de dois comentários postados na página The New York Times.



Fonte: Facebook

A captura de tela acima foi realizada na página do The New York Times, na plataforma Facebook, em uma postagem sobre o filme em foco. Analisando a parte textual, destaca-se as palavras “terrível” e “piada”, assim, uma noção de crítica negativa é formada. A seguir, ele afirma que o final é “pobrememente escrito”, referindo-se ao momento em que polícia descobre o corpo da Cassie, levando o culpado, tanto da sua morte, quanto do estupro da sua amiga, para a prisão.

Até o presente comentário, temos apenas um homem expondo sua crítica. Abaixo, há um comentário-resposta, em que uma autora expõe que o dono do texto acima “era

proprietário de um site pornográfico de vingança onde os homens podiam postar fotos e vídeos de suas ex-namoradas peladas e incluir seus nomes completos e informações de contato”. Chamar o autor de “Sr. Jovem Vingança Pornô” é uma referência clara ao que o filme tenta não ser e ao que o autor do comentário é.

Existe uma ideologia por trás desta opinião, e ela é apenas evidenciada devido ao segundo texto. Com isso, percebe-se que o autor utiliza da linguagem para desmerecer o filme, o que é irônico e contraditório, pois em um determinado momento ele diz o seguinte “eu estava torcendo por ela”, mas critica o desfecho final, que de certa forma, é satisfatório, pois é neste momento em que a personagem consegue o que quer: fazer todos prestarem atenção na sua verdade, na sua história, nela; apenas assim os culpados pelo estupro da sua amiga seriam punidos pela justiça, então por qual motivo leva o dono do comentário estar indignado? Por ele seria aquele que no final estaria indo para a prisão, o que não aconteceu, dado que “ele fechou o site quando o FBI se interessou”.

Segundo Wodak “para a ACD, a linguagem não é poderosa em si mesma – ela adquire poder pelo uso que os agentes que detêm poder fazem dela” (2004, p. 14). Por mais simples que seja um discurso, existe um pensamento ideológico por trás, e neste comentário conseguimos perceber como alguém que, em primeira instância parecia uma pessoa normal que critica um filme, somos apresentados a sua verdadeira intenção.

Ele se sentiu afetado pelos rumos do enredo, sentiu sua identidade ser projetada para a tela, como a própria dona do comentário questiona “Você está bravo porque você seria um dos caras de quem ela se vingaria ...?” Por que ela se vingaria deste cara? Porque ele é o reflexo dos homens da obra, ou os homens da obra sejam reflexos dele. Somos apresentados a um jogo de identidades problemáticas que infelizmente caminham por estas duas realidades.

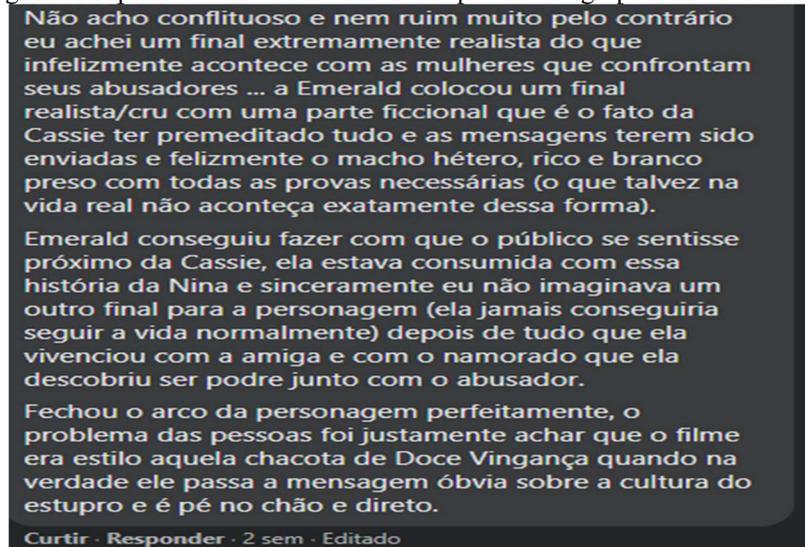
O recorte realizado aqui não apenas representa um pensamento individual, o filme em foco dividiu opiniões, e o que pode-se perceber é que o público masculino (geralmente heterossexual) tende a criticá-lo negativamente. Partindo da ideia da análise social de um discurso proposta por Fairclough, “ideologias implícitas nas práticas discursivas são por demais eficazes quando se tornam naturalizadas e conseguem atingir o *status* de senso comum” (2001, apud, PEDROSA, 2005, p, 8).

Pelo recorte, não apenas analisamos um homem comentando sobre o filme, mas sim, alguém que acredita que homens não podem/devem pagar pelos seus crimes sexuais, assim como ele não pagou, um homem branco, supostamente heterossexual, norte americano e

político republicano que por meio do seu discurso velado esconde sua verdadeira face de predador, impondo sua ideologia, assim fazendo com que outras pessoas corroborem, especificamente mil e quinhentas curtidas e trinta e nove ameis.

O segundo comentário foi colhido no grupo do Facebook Dias de Cinefilia que foi realizado em uma postagem sobre o desfecho final do filme: morte da protagonista e prisão dos culpados.

Figura 2: Captura de tela de um comentário postado no grupo Dias de Cinefilia.



Fonte: Facebook

Primeiramente, é preciso destacar o fato de ser uma mulher, alguém pertencente a outro grupo social, discutindo sobre o filme. No primeiro parágrafo ela tenta desconstruir, com argumentos de alguém que conhece a realidade da mulher, os motivos que fazem o final funcionar. Existe a compreensão da verdade, quando ela se refere a morte da protagonista “realista/cru”, e também, a algo mais fantasioso como “o fato de ter premeditado tudo” em relação as mensagens que foram enviadas à polícia.

É compreensível que, na nossa realidade, a Cassie seria morta e ficaria por isto, os culpados continuariam livres (Sr. Jovem Vingança Pornô), enquanto ela entraria para mais uma estatística; porém, não aconteceu, e o fato de Cassandra ter premeditado o plano que levaria a prisão do culpado é uma subversão do sistema, e da visão masculina que prefere ver uma mulher morta na tela a ter que assistir sua projeção ser algemada.

A partir disso, entende-se que o poder é criado através da linguagem, da repetição de um padrão, a morte da Cassie é esta regra, ela torna-se mais uma, porém, a subversão também existe, e é evidenciada em tela nos minutos finais. De acordo com Wodak (2004), é possível utilizar a linguagem para modificar e enfrentar as relações de poder, e isto é feito no

encerramento do longa, em que a cineasta, mesmo permitindo a morte da sua heroína, deturpa o sistema masculino da nossa sociedade, assim, ela afeta homens como o autor da primeira materialidade.

No segundo parágrafo, a autora expõe que esta era a única forma da história se encerrar para a protagonista, corroborando com a declaração do filme ser “realista /cru”, ou até mais à frente quando ela menciona que a obra “passa a mensagem óbvia sobre a cultura do estupro, e é pé no chão e direto”. O foco em questão é o desfecho final, o filme inteiro leva a ele, assim a audiência a escolher em qual lado quer estar; torna-se justificável criticar a decisão da cineasta matar Cassie, porém, quando é implicado uma crítica negativa a sentença derradeira, é preciso entender qual o sentido por trás desse discurso. Por que não levar estes homens à cadeia? Por que criticar justamente esta decisão?

Outro conceito discutido na ECD é o de controle exercido por um grupo dominante em relação a um grupo dominado, sendo aplicado de diferentes formas, mas possuindo uma função: controlar aspectos diferentes desses seres, afetando o discurso, a ideologia, suas atitudes no âmbito social, opiniões etc. Isto pode ser caracterizado também como o controle da mente (VAN DIJK, 2008).

Podemos relacionar este controle em relação a dois trechos, o primeiro seria o seguinte: “ela estava consumida com essa história da Nina [...] jamais conseguiria seguir a vida novamente”. É interessante correlacionar este segmento com a noção do controle proposta pelo autor, já que a cultura do estupro fez com que Cassie desenvolvesse uma série de problemas: se isolasse; tivesse dificuldades em suas relações interpessoais; desistisse da faculdade de medicina entre outros bloqueios, assim percebemos como o sistema pode levar a ruína de um determinado grupo, e por mais que o dominado tente falar, tente se expressar, alertar ou questionar, raramente será ouvido, exatamente o que aconteceu com Nina ou Cassandra.

Já em relação ao segundo, devemos compreender como a noção do corpo, que assume o papel de discurso dentro de uma produção artística (filme, série, peça teatral etc.), pode estar conectada com a ideia de controle defendida por Van Dijk, mas antes precisamos compreender como o corpo também torna-se uma materialidade nestas obras, e de acordo com Lagazzi:

A materialidade do discurso é a linguagem em suas diferentes materialidades significantes, quais sejam: a palavra, a imagem, o gesto, a musicalidade, o aroma, a cor, o enunciado, a cena, o corpo, a melodia, a

sonoridade, enfim, diferentes relações estruturais simbolicamente elaboradas. (2017, p. 17)

Desse modo, a análise de uma produção fílmica precisa ser ampla e compreender não apenas um fator na linguagem inserida na obra, mas sim o máximo possível, como por exemplo: o corpo, e neste caso, o corpo feminino, o da minoria e o que sofre violência.

Tanto Nina, quanto Cassie sofreram violências físicas que afetaram suas vidas; elas foram controladas por outros corpos masculinos que assumem o papel de uma maioria opressora. Compreendendo a noção de que esta hierarquia dos corpos existe, a diretora usa o corpo da Cassandra para enviar uma mensagem de que mais uma vez a mulher foi assassinada por alguém que ocupa um papel de controle e domínio.

Partindo dessas ideias, Pinto (2011, p. 255) destaca em seu texto sobre a análise dos corpos como uma materialidade discursiva que “É imprescindível notar que não há corpo sem história e que a história passa e se simboliza no próprio corpo, traçando aí, a memória da vida humana”, sendo assim, a história mais uma vez se repete quando o corpo de Cassie é encontrado após ser assassinado pelo corpo masculino que ocupa o topo da hierarquia dos corpos.

Para finalizar a análise, será feita uma analogia da protagonista com uma figura da mitologia grega que detém mais semelhanças que um mero nome. Cassandra foi uma vidente na Grécia Antiga, seu dom era claro e ela sabia das guerras, loucura e assassinatos que em breve cairiam pela cidade e o povo; porém, ela possuía uma maldição: não tinha o dom de convencimento, ninguém acreditava em suas palavras, então o que lhe restava era assistir todas as suas profecias acontecerem sem poder atuar contra elas. Coincidência? Não aqui. Cassie conhece bem o problema enraizado na nossa sociedade, a cultura do estupro que afeta mulheres e homens, e faz com que a descrença seja a maldição das mulheres dentro do nosso sistema, assim como Cassandra foi amaldiçoada na mitologia.

Mulheres são desacreditadas o tempo inteiro, e o benefício da dúvida só deixa de existir quando uma fatalidade ocorre, já que sinais apenas se transformam em evidências quando a tragédia acontece. Infelizmente, o corpo de Cassandra era a prova que precisava para que todos prestassem atenção.

Considerações finais

Os estudos da área da ACD ou da ECD precisam enfrentar injustiças e desigualdades sociais que são inerentes aos discursos, e mesmo os enunciados que não apresentem

problemáticas em primeira instância, é necessário haver uma investigação, dado que todo o discurso é carregado de ideologia. E quando se trata de relacionar manifestações de linguagem a um determinado assunto que percorre o âmbito das pautas sociais, torna-se mais urgente estas análises, pois mediante a elas conseguimos propor uma discussão, problematização e questionamentos na intenção de bagunçar estas relações de abuso de poder.

A análise que surgiu nesse trabalho não apenas tentou interpretar ou investigar os sentidos que precedem o cunho linguístico dos comentários, mas sim, evidenciar a hipocrisia e contradição em uma determinada materialidade, que não apenas tem a intenção de desmerecer a obra apresentada, mas perpetuar ideologias machistas, sexistas e que andam ao lado da cultura do estupro.

A noção da análise social proposta por Fairclough nos permite compreender como o discurso, mesmo que mínimo, quase indefeso, tem a força de construir uma ideologia esmagadora na sua intenção, principalmente quando aquele que enuncia está na posição da classe dominante. Com base em comportamentos premeditados, como um simples discurso na internet, os dominadores eternizam em qual posição cada grupo deve ocupar, portanto comentários como o da segunda materialidade que pertencem a alguém que está em seu local de fala, deve ser analisado e visibilizado para evidenciar o que a classe dominada reflete sobre estas discussões.

O filme *Promising Young Woman* percorre um caminho complexo e inovador em sua narrativa, enquanto apresenta a realidade de maneira realista e crua. Em alguns momentos específicos na obra, os padrões do sistema que preservam as relações de abuso de poder são desconstruídos com a intenção primordial de transmitir apenas uma mensagem do grupo dominado para o grupo dominante: você não achou que este era o fim, achou?

Referências

LAGAZZI, S. Trajetos do sujeito na composição filmica. In: FLORES, G.; GALLO, S.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N.; ZOPPI FONTANA, M. (Orgs.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. v. 3. Campinas: Pontes, 2017, p. 23-39.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. In: IX Congresso nacional de lingüística e filologia – *Cadernos do CNLF*, Vol.IX, nº03. – Rio de Janeiro, 2005.p.43-68. Disponível em < <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm> >. Acesso em: 05 jun. 2021.

PINTO, D. C. *Olhares discursivos sobre o corpo*. Uberlândia, 2011. Disponível em < <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/520/o/17.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2021.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. Hoffnagel, J.; Falcone, K. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. 2004. v.4, n. Especial, pp. 223-243. Disponível em < <https://core.ac.uk/reader/300480590> >. Acesso em: 08 jun. 2021.